

## O TRIUNFO DA REVOLUÇÃO SANDINISTA

Roger dos Anjos de Sá<sup>1</sup>

Em dezembro de 1974 uma ação militar da FSLN configurou-se como um episódio de singular importância para o desdobramento do movimento revolucionário. Dois dias depois do natal de 77 um grupo de guerrilheiros invadiu a casa de um rico e poderoso empresário somozista, ministro da agricultura, José María “Chema” Castillo, e fez diversos reféns, entre os quais um cunhado e o ministro da defesa de Anastasio Somoza Debayle, além do embaixador do Chile na Nicarágua e do prefeito de Manágua entre outras autoridades. As exigências da FSLN eram a liberdade de mais de uma dúzia de guerrilheiros presos, entres os quais Daniel Ortega que estava encarcerado desde 1967; o pagamento do resgate no valor de mais de 1 milhão de dólares; passagem segura para Cuba dos guerrilheiros e dos libertados e a transmissão via rádio e televisão de dois manifestos sandinistas.

Esse episódio foi batizado pela FSLN de “Rompendo o Silêncio”, pois ela reaparecia no cenário político, após relativo anonimato, com grande barulho e sacudindo as entranhas do regime (ZIMMERMANN, 2006). Ao romper o silêncio desta maneira a FSLN demonstrou que o poderio militar do regime somozista era superável ao mesmo tempo que construiu uma imagem positiva de sua competência militar. Além disso, executou vários ataques bem sucedidos a Guarda Nacional.

A partir dos desdobramentos resultantes dessa ação a ditadura somozista baixou o Estado de Sítio, a lei-marcial e a censura como tentativas de abafar os avanços populares e garantir a dominação. No entanto, essas medidas agudizaram ainda mais a fissura entre o Estado Somozista e a sociedade nicaraguense produzindo contornos irremediáveis (FSLN, 03-06/1979), pois gerou um cenário de violência inédito fazendo com que o regime perdesse “o direito de governar” mesmo para uma ínfima parcela da população que ainda o apoiava. (ZIMMERMANN, 2006).

---

<sup>1</sup> Mestrando em História pela UFG. (rogerniger@hotmail.com)

Em setembro de 1977 o regime somozista restabeleceu os direitos constitucionais, pondo fim, portanto, ao Estado de Sítio, a censura e a lei marcial. Isso permitiu uma reorganização da oposição reconhecida legalmente. Essa oposição de caráter reformista e progressista organizou-se em torno de duas organizações: da UDEL (Unión Democrática de Liberación) fundada em dezembro de 1974, por Pedro Joaquín Chamorro jornalista e empresário, dono do jornal *La Prensa*, principal veículo de comunicação escrita na Nicarágua. Essa organização era composta por empresários liberais e conservadores anti-somozista, por social-cristãos e pelas duas centrais sindicais opositoras ao somozismo: a CGT (Confederación General de Trabajadores) e a CTN (Central de Trabajadores de Nicaragua) (END 09/01/2008); e da MDN (Movimiento Democrático Nicaraguense) fundada por Alfonso Robelo que agregava empresários, executivos e grandes agricultores ligados ao INDE (Instituto Nicaraguense de Desarrollo). Vinculada, portanto ao setor privado progressista o MDN exigia a destituição imediata de Somoza e propunha a organização de um governo de caráter democrático com ampla participação (EEUWEN, 1994).

Apesar de esses movimentos terem sido de grande importância fora os ataques em outubro de 1977 da Frente Sandinista que sacudiram novamente as bases do somozismo. Neste mês a FSLN fez diversos ataques militares contra a Guarda Nacional, tomou alguns distritos e atacou um quartel em Masaya (RODRÍGUEZ; CÉSPEDES *et al.*, 1986). Esses ataques é o início da efetiva insurreição revolucionária que culminará com a derrubada da ditadura em julho de 1979. Portanto, a partir de outubro de 77 as ações militares da Frente Sandinista serão crescentes e mais intensas. Torná-la-á, doravante cada vez mais conhecida e reconhecida perante o povo como a organização capaz de sublevar o regime ditatorial, conferindo-lhe assim apoio popular.

No entanto, esse reconhecimento não era comungado pelas alas reformistas vinculadas ao MDN e a UDEL. O assassinato de Pedro Joaquín Chamorro, líder do UDEL, e dono do jornal *La Prensa* o principal canal de expressão da oposição reformista, em Janeiro de 1978, foi o estopim para as massas se levantarem definitivamente porque significava que ninguém estava seguro e que o regime, se não fosse derrubado, iria até as últimas consequências para manter-se. Este fato possibilitou a unidade da burguesia

dissidente reunida, sobretudo nesses dois movimentos (RAMÍREZ, 2011) que passou a exigir a renúncia de Somoza. Na tentativa de forçar essa renúncia convocaram uma greve nacional que prometiam durar até Somoza renunciar (ZIMMERMANN, 2006).

Nesse momento a aliança intraburguesa dissidente tenta operar a retirada de Somoza via negociação mediada pelos Estados Unidos. A força intelectual da aliança intraburguesa era o *Grupo de Los Doce*, que fora formado através da convocação da Tendência Insurrecional (os Terceiristas) da FSLN no início de 1977 e composto por intelectuais, religiosos, empresários e profissionais liberais. Da junção entre UDEL, MDN, *Los Doce* e diversos outros partidos surgirá em julho de 1978 a FAO (Frente Ampla de Oposição). No final do mesmo ano e início de 1979 *Los Doce* operará a junção efetiva e definitiva da oposição burguesa a FSLN.

A união entre a FSLN e a burguesia dissidente ganhou contornos concretos com o objetivo de derrubar o somozismo. Faltava, no entanto, decidir o governo após a eventual vitória dessa aliança. Reunidos em San José, na Costa Rica no mês de junho de 1979 a aliança anunciou a formação de um governo revolucionário provisório composto de cinco membros, dos quais três eram da FSLN: Daniel Ortega, Moisés Hassán (do Movimiento Pueblo Unido (MPU) que defendia a não aliança com a burguesia e fazia parte da Tendência Proletária) e Sérgio Ramíres, também membro dos “*Doce*”; e dois da burguesia: o milionário Alfonso Robelo e Violeta Chamorro, viúva de Joaquín Chamorro.

Quando no dia 19 de julho de 1979 os guerrilheiros entraram marchando em Manágua, a esmagadora maioria da população os saudava de maneira entusiasmada. A nova junta de governo levado “ao poder não por meio de eleições, mas por uma insurreição popular, tinha uma legitimidade maior do que qualquer outro governo da América Central” (ZIMMERMANN, 2006. p. 93).

Quando a FSLN triunfou em julho de 1979 ela carregava sobre os seus ombros uma gama heterogênea de projetos. O seu triunfo foi resultado de alianças com as mais variadas orientações políticas e de classe, corroborando o caráter diverso da própria Frente Sandinista, cujo interior de sua composição

não era homogêneo, mas comportava diversas tendências políticas<sup>2</sup>. Essa heterogeneidade configura o processo e de luta e de escamoteamento da ditadura somozista e, doravante delegará o caráter da condução do governo revolucionário sandinista.

A condução desse modelo – de base popular heterogênea – de enfrentamento e derrocada do somozista possibilitou uma ampliação do processo revolucionário para além das mudanças políticas estruturais passando a congregar em sua base constitutiva revolucionária uma dimensão de profundas transformações sociais. Neste sentido, a tarefa do governo revolucionário, após a liquidação do regime de Somoza implicava, primeiro, em construir um poder de novo tipo com ampla participação popular e, segundo, em romper com o elo institucional que reproduzia e expressava a dominação norte-americana que assegurava um governo altamente elitizado com uma concentração plena de poder político e econômico. (VILAS, 1986).

Essas duas questões levantam duas problemáticas com as quais a FSLN terá de lidar a partir de julho de 79, que confeccionaram o caráter da Revolução Sandinista: a natureza do modelo político-econômico da Revolução – democrático-popular e economia mista – e o problema nacional, ou seja, a autonomia política em relação aos Estados Unidos.

---

<sup>2</sup> A FSLN, em meados dos anos 70 vai se dividir e configurar três tendências distintas: a tendência Guerra Popular Prolongada (GPP) liderada por Tomás Borge e Ricardo Morales Avilés que concentrava suas forças nas guerrilhas rurais, sobretudo, nas regiões montanhosas do país e lutava por ter uma presença legal nas áreas urbanas atuando junto a estudantes tornando a principal influência ideológica na Frente Estudantil Revolucionária e de estudantes cristãos radicais ligados a Teologia da Libertação; a Tendência Proletária (TP) liderada por Jaime Wheelock que diferentemente da GPP rejeitava a tática de guerrilha rural e propunha a organização política legalizada dos trabalhadores rurais e urbanos; e a Tendência Insurrecional (TI – os Terceiristas) liderada por Humberto Ortega que enfatiza a necessidade de alianças com a burguesia e defendia ações militares no campo e em alvos estratégicos nas cidades. Esta última tendência dominava o Diretório Nacional da FSLN. Ainda as táticas e as estratégias eram diferentes todas elas tenham um objetivo comum, qual seja a derrubada da dinastia Somoza. Essas diferenças serão confeccionadas durante o biênio 1975-1976 e só serão resolvidas a partir 1978 e definitivamente em março de 1979 com o estabelecimento de um Diretório Nacional conjunto, composto por três indivíduos (homens) de cada tendência, com o título de Comandante da Revolução, quando a vitória se aproximava e havia a necessidade de abandonar as diferenças em nome do triunfo (ZIMMERMANN, 2006; EEUWEN, 1994).

A herança deixada pela ditadura somozista (1936-1979) exigia do governo dos revolucionários sandinistas uma resposta imediata de transformação. As primeiras medidas foram no âmbito de transformar a estrutura e a natureza administrativa do Estado Nicaraguense. A Revolução recebeu como herança a estrutura de um Estado de caráter autocrático burguês, que operava sua autocracia mediante uma ditadura, a Revolução Sandinista conduziu o processo da transformação revolucionária mediante a confecção de um Estado democrático-popular revolucionário congregando variadas expressões políticas e de classe.

O bloco no poder que sustentava o somozismo compunha-se da grande burguesia nicaraguense, da Guarda Nacional e da tecnocracia vinculada ao aparato estatal e as empresas industriais ou financeiras que por sua vez estavam atreladas ao capital internacional. A grande burguesia e o poder econômico nicaraguense na década de 1970 concentravam-se em volta de três grandes grupos econômicos: do BANIC (Banco Nicaraguense) composto por grandes produtores de algodão, por industriais e comerciantes subordinados economicamente as gigantes financeiros norte-americanos: o Chase Manhattan Bank, o Morgan Guaranty Trust e Multibank and Trust Co; do BANAMERICA (Banco da América) que aglutina pecuaristas, comerciantes, produtores de açúcar e bebidas alcoólicas (burgueses da região de Granada, principalmente). Este banco, por sua vez, está subordinado aos bancos, também norte-americanos, Wells Fargo Bank e ao First National Bank of Boston; por último o grupo econômico ligado diretamente a Família Somoza, o mais poderoso de todos. À sombra do poder estatal do Banco Nacional e do Banco de Centroamérica e vinculados a produção industrial, a produção agrícola, meios de comunicação, transportes aéreos e marítimos, mineração e imobiliários entre outros, os Somozas construíram uma fortuna estimada, em meados de 1974, no valor de 400 milhões de dólares. A Guarda Nacional cumpria um papel fundamental na manutenção do regime, pois diante de uma relativa fragilidade de manipulação ideológica a repressão violenta cumpriu o papel de manter os grupos populares desorganizados e com pouca possibilidade de organização e mobilização autônoma. Além disso, garantia os interesses econômicos e políticos dos somozas em eventuais disputas entre os

grupos econômicos. Os tecnocratas assumem o papel operativo do aparelho estatal e da dinâmica administrativa do setor privado (PORTOCARRERO, 1990).

A aliança da FSLN não é uma simples opção, mas um condicionante histórico e social. Ou seja, as condições históricas específicas da Nicarágua com suas características sociais implicaram numa composição revolucionária não homogênea, no sentido político, econômico e de classe. Do ponto de vista dos sandinistas, por um lado, a aliança com a burguesia dissidente do somozismo era a única possibilidade real de concretizar a revolução.

Essa burguesia dissidente, também chamada burguesia patriótica ou nativa tinham seus interesses prejudicados pelo somozismo por duas razões principais: 1) o controle quase absoluto e familiar de boa parte da economia impedia o processo de expansão capitalista ou de modernização das atividades econômicas. Esse controle acirrava as disputas entre os grupos econômicos: quando os interesses capitalistas dos Somozas eram ameaçados por outros grupos econômicos a Guarda Nacional intervia e garantia o interesse somozista mediante a força; 2) os interesses do Estado estarem subservientes em demasia aos interesses norte-americanos. Isso implicava em atender os interesses estrangeiros em detrimento dos interesses da burguesia patriótica (BAUMEISTER, 1990; PORTOCARRERO, 1990).

Por outro lado, essa burguesia descontente com o regime dos Somozas enxergava nos sandinistas o canal necessário e imprescindível para a derrubada da ditadura, pois a FSLN era uma organização estruturada e de amplo apoio popular, portanto, agregava em sua base constitutiva o apoio e a força necessária para que o levante tivesse capacidade de derrotar o atraso e empreender um regime de novo tipo: moderno e nacional.

A FSLN, que era composta por estudantes, camponeses, artesãos, pessoas com ofícios definidos (mecânicos, carpinteiros, sapateiros, encanadores, etc.), semiproletário, diaristas, pequenos agricultores, entre

outros<sup>3</sup>, ganhou respaldo de parte da burguesia dissidente a partir da segunda metade da década de 1970, sobretudo depois de 77, quando o acirramento das contradições entre a ditadura somozista e o bloco no poder que configuravam e sustentavam o estado ditatorial provoca um racha definitivo. No entanto, a aliança da burguesia com os sandinista se efetivará apenas quando a estratégia burguesa – negociada até o último momento – de derrubada do somozismo fracassa.

Essas contradições entre a burguesia e a ditadura somozista é produto da dinâmica de classe e do processo da expansão capitalista ocorrida na Nicarágua a partir da década de 1950, e ganhou contornos mais agudos depois do terremoto de 1972, que arrasou Manágua. A expansão capitalista ocorrida nesse período amortizou os conflitos sociais o que deu novo folego ao regime ditatorial. Com a diminuição desse crescimento os conflitos aumentaram, sobretudo entre as elites econômicas. A enorme participação familiar com certas restrições a participação da burguesia nativa no processo de condução da economia e da política nicaraguense durante a ditadura cria um fissura vertical entre o governo e a sociedade.

O processo de modernização capitalista empreendido a partir dos anos 50, que produziu um surto de crescimento econômico<sup>4</sup> não significou a consolidação de uma sociedade civil, mesmo nos meandros burgueses. A condução do Estado ficava a cargo exclusivo do Partido Liberal Nacionalista que coligado com a Guarda Nacional garantia a manutenção da ordem dentro da lógica ditatorial. A rede administrativa nacional ou local esta submetida a coerência da repressão e do clã somozista (BAUSMEISTER, 1990).

---

<sup>3</sup> A composição do sujeito social da FSLN, à época da insurreição em 1979, estruturava-se da seguinte forma: estudantes 29%; pessoas com ofício (artesãos, oficinistas, fornecedores de comida, passadeiras, transportadores, mecânicos, carpinteiros, sapateiros, reparadores, etc.) 22%; operários e diaristas 16%; empregados de escritórios e empregados em geral 16%; técnicos, profissionais, professores de primeiro e segundo grau 7%; pequenos empresários, vendedores ambulantes e pequenos comerciantes 5%; camponeses e agricultores 4,5% e outros 0,5%. (VILAS, 1986)

<sup>4</sup> No primeiro quinquênio da década de 1950 a taxa de crescimento econômica médio foi de 9%, reduzindo para 2,5% na segunda metade da década. Durante a década de 60 a taxa média foi de 6,97% e de 71 a 77 a média foi de 6% (BCN, 2009; CRUZ-SEQUEIRA, 2005).

Tudo isso somado produz uma tipo de sociedade manca no quis respeito a configuração de uma sociedade civil. A ausência de elementos ou de mecanismos democráticos típicos do domínio burguês somado “a subsistência prolongada de formulas arcaicas e despóticas levaram a um debilitação crônica da vida pública enquanto espaço de homogeneização da diversidade e expressão legal dos conflitos sociais” (RODRIGUES, 1996, p. 368). Desta maneira, forma-se então uma sociedade civil débil, politicamente frágil que conjugada com uma ausente estrutura organizacional da classe trabalhadora, tanto urbana como rural, consignou atitudes de apatia partidária ou ideológica ou mesmo eleitoral da sociedade nicaraguense diante da ditadura.

A ausência de uma classe burguesa que fosse capaz de conduzir o processo de derrubada da ditadura – que era submissa e subserviente ao capital internacional dentro da lógica do capitalismo dependente – mediante uma revolução burguesa democrática nacional, como resultado, portanto, do desenvolvimento das forças produtivas dentro dos meandros da lógica burguesa, que levasse a cabo a transição para a ordem social competitiva, ditada, sobretudo pela perspectiva nacionalista, a revolução que triunfou em 79 fez com que o processo da disputa pela construção de uma nova ordem se concentrasse não entre os agentes produtivos – burgueses e trabalhadores – mas por um embate dessa parcela da sociedade alijada do Estado contra os donos do poder, ou seja, o clã dos Somozas e o agente internacional, os Estados Unidos (RODRIGUES, 1996).

Assim, diante de uma autocracia burguesa que confundia com os interesses familiares a FSLN representava a organização capaz de levar a cabo o projeto de escamotear a ditadura e operar a transição para um Estado democrático-nacional e moderno. Desta maneira, a Frente Sandinista operou como uma organização revolucionária capaz de condensar as mais variadas contradições, dentro de uma lógica orgânica capaz de dar vazão e eficácia operativa ao protesto das massas e da ação popular direta. Assim, ela foi capaz de levar o povo ao triunfo por ser uma organização estruturada com quase duas décadas de experiência de luta. Portanto, quando a partir da segunda metade da década de 1970, as massas tomaram as ruas a FSLN já

estava lá e foi capaz de canalizar o dinamismo dos levantes populares e conduzi-los ao triunfo insurrecional (VILAS, 1986).

A incorporação, mesmo que tardia à FSLN da burguesia dissidente e da classe média e de outras categorias sociais no final dos anos 70 demonstra a capacidade dessa organização de absorver os mais variados projetos e de ser capaz de se transfigurar e deste modo significar a possibilidade de superação da ditadura e da confecção de um novo modelo de sociedade evidencia sua posição de vanguarda revolucionária. Permite-nos compreender, a partir disso, que para as massas pobres, tanto as das cidades como as das zonas rurais, que se incorporaram a ela a posição revolucionária da Frente Sandinista era a possibilidade do fim da exploração social, da opressão política e da participação da vida política; e para a burguesia e para a classe média urbana significava, por ser um movimento com o apoio quase unânime da população, a oportunidade última de romper com os desmandos de uma ditadura personalizada e subserviente ao interesse norte-americano, que impetrava sua vontade de maneira violenta e virulenta.

Neste sentido, mesmo a configuração de “inimigo ideal”, como fora Somoza, tanto para as massas como para a burguesia devido a exploração social, a opressão política, o alijamento do poder, a corrupção generalizada ou a miséria aguda, condições que caracterizam o regime somozista, não foram suficientes por si mesmas de construir um projeto de ruptura com o regime político. A FSLN se apresenta como uma organização orgânica que pode superar esse regime ao apresentar a contradição *democracia vs. ditadura* como bandeira fundamental da luta revolucionária. O decodificar dessa contradição torna-se: sandinismo igual democracia; somozismo igual opressão. Isso contribui decisivamente para que conflua sob sua tutela da FSLN a luta de toda a sociedade alijada de condições do poder e de participação política pelo regime somozista (VILAS, 1986).

A ideia fundamental é o que o triunfo da Revolução Sandinista em 1979 ocorreu como resultado 1) da adesão maciça do povo das mais variadas posições ideológicas, políticas ou de classes, configurando *um sujeito social revolucionário* heterogêneo; 2) ainda que o processo da luta revolucionária

tem-se agudizado a partir da segunda metade da década de 1970, sobretudo a partir de 77, com adesão maciça das massas urbanas ao processo revolucionário e com a intensificação das ações militares sandinistas foi exatamente a longevidade do processo de luta, o que produziu um amadurecimento dos revolucionários, que garantirá uma estratégia de luta capaz de derrubar militarmente a ditadura; 3) apesar da concretização da vitória ter sido via militar a força da revolução não estava na capacidade estrita de organização militar, mas no apoio maciço do povo a revolução e a ação militar desta e; 4) as contradições intraburguesas agudizadas nos anos 70 potencializaram a força revolucionária da FSLN (BAUSMEISTER, 1990; BOLTODANO, 2011 ).

#### Bibliografia

BAUMEISTER, Eduardo. Democratización y modernización del Estado: Nicaragua, 1979-1986. In: *Hacia una nuevo orden estatal en America Latina? Democratización/modernización y atores sócio-políticos*. Buenos Aires: CLACSO, 1990, pp. 255-316.

BCN: “Estadísticas Macroeconómicas 1960 – 2009”. Banco Central da Nicaragua, 2009.

BOLTODANO, Mónica. Memorias de la lucha Sandinista: Hacer y contar la Historia. In: Exposición en el X Encuentro Nacional y IV Congreso Internacional de Historia Oral de la República Argentina. San Luis: 6,7 y 8 de Octubre 2011. Disponível em [http://www.cedema.org/uploads/Baltodano\\_Monica-2011.pdf](http://www.cedema.org/uploads/Baltodano_Monica-2011.pdf) acessado em: 30/05/2013.

CRUZ-SEQUEIRA, A. J. ¿Qué ocurrió con Nicaragua? Estudio realizado para el Proyecto Análisis Político y Escenarios Prospectivos del PNUD (INCAE), 2005. Disponível em: [http://conocimiento.incae.edu/ES/centros-academicos-investigacion/pdfs/Que\\_ocurrio\\_con\\_Nicaragua.pdf](http://conocimiento.incae.edu/ES/centros-academicos-investigacion/pdfs/Que_ocurrio_con_Nicaragua.pdf) acessado em 20/05/13

EEUWEN, Daniel Van. *Nicaragua*. In. ROUQUIÉ, Alain (coord.). Las fuerzas políticas en América Central. México (D.F.): Fondo de Cultura Económica, 1994, pp. 173-231.

FSLN: “Nicaragua: la lucha popular contra la ditadura”. In: Cuadernos Políticos, número 20, México, D.F., editorial Era, abril-junio de 1979, pp. 105-115.

Jornal *El Nuevo Diario (END)*

“Especial: Derrocar al somocismo: a 30 años de un magnicidio.” 09/01/2008

PORTOCARRERO, Amaru Barahona. *Breve estudo sobre história contemporânea da Nicarágua*. In. CASANOVA, Pablo González (org.). *América Latina: história de meio século*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1990.

RAMÍREZ, Sergio. *Adiós Muchachos: a história da Revolução Sandinista e seus protagonistas*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

RODRÍGUEZ, Mirtha Muro; CÉSPEDES, Rafeal Dausá; CRUZ, Jorge León; GARCÍA, Mercedes de Armas; GARCÍA, Alfonso Iglesias. *Nicaragua y la Revolución Sandinista*. Ciudad de La Havana (Cuba): Editorial de Ciencias Sociales, 1986.

VILAS, Carlos Maria. *Nicarágua, hoje: análise da Revolução Sandinista*. São Paulo: Vértice, 1986.

ZIMMERMANN, Matilde. *A Revolução Nicaraguense*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.